

A ordenação do Padre Júlio Pereira na Sé Nova, em Coimbra.

Colheita de frutos que a morte da semente produziu

NO peregrinar pela vida e pelo ideário de Pai Américo, que foi a minha participação no Processo da sua Beatificação durante alguns meses, me impressionou, ainda mais profundamente, o pensamento constante desde que iniciou a Obra da Rua até à sua hora derradeira, da «semente que tem de morrer para que se multipliquem os frutos novos».

Não se trata, pois, de uma atitude terminal quando a vida

Dezasseis de Julho

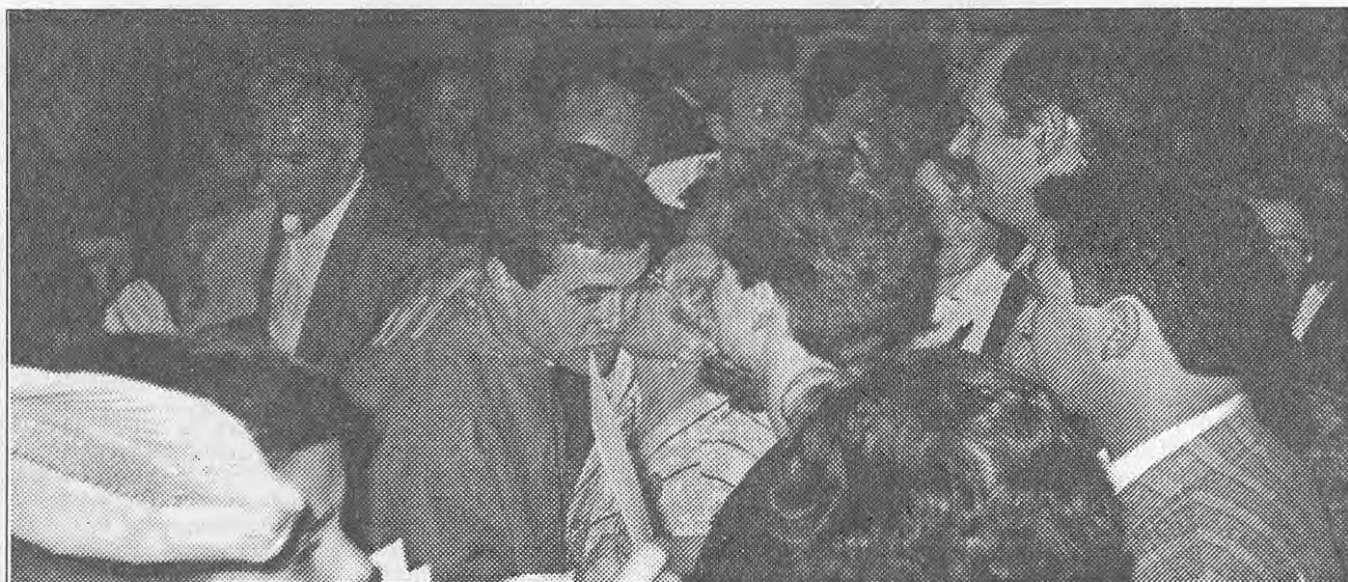
naturalmente se aproxima do fim. É um fundamento de Fé. É uma declaração de «servo inútil» que se considerava ser. É a condição *sine qua non* para que a acção de um homem viador se projecte na Eternidade: «Sem humildade nada».

Assim sintetizou as bases da Obra da Rua, da eficácia do seu dinamismo, da liberdade perante «o peso imenso da Inércia» que sempre obstruiu as obras da Verdade e da Justiça.

«Sem Humildade, nada.»

Pai Américo confessou-se «homem de um só Livro», d'O qual bebeu as ideias matrizes por que guiaria a sua vida, as quais, por serem de Vida, são causa de evolução autêntica e constante e não ideias fixas como julga a vulgaridade. Prevendo, porém, este juízo, ele próprio preveniria em ar de graça: «Tenham medo de um homem de um só Livro!»

Continua na página 3



Novo Padre da Rua

Solenidade de grande significado para a Obra da Rua

ESTAMOS sob o impacto da cerimónia de ordenações sacerdotais na Sé Nova de Coimbra, no segundo domingo de Julho!

Dia grande para a Diocese — para a Igreja portuguesa. E, para nós outros, a Obra da Rua, uma festa de grande significado! O senhor D. João Alves ordenou o nosso Padre Júlio Pereira — outro enamorado de Cristo nos Pobres — para a equipa de Padres da Rua.

A majestade do templo, a sua riqueza histórico-religiosa, a presença do Presbitério, a multidão de cristãos — e sua devoção no decorrer da Liturgia — avivam a fé; e mesmo a natural pompa transporta-nos à Igreja primitiva que revolucionou o Mundo com o Mandamento do Amor.

Foram até à Sé Nova representações das Casas do Gaiato, do Calvário, e todos os Padres da Rua, excepto os de Africa — terras de sacrifício! — que, nesse dia, também lembraram no Altar a Graça que ora recebemos.

A homilia do senhor D. João foi rica de Mensagem! Pai Américo terá dado louvores a Deus, no Céu, por tudo o que escutámos nesse velho templo onde, tantas vezes!, conversou com Ele — e anunciou a Boa Nova aos Pobres, para os Pobres.

Partindo do princípio de que o sacerdote tem a obrigação de anunciar o Mandamento do Amor, senhor D. João subli-

nhou a imperiosa necessidade de Ele ser aplicado concretamente a partir do seio da própria Igreja — nas comunidades paroquiais. Implícitamente, disse com Pai Américo: «Cada freguesia cuide dos seus Pobres».

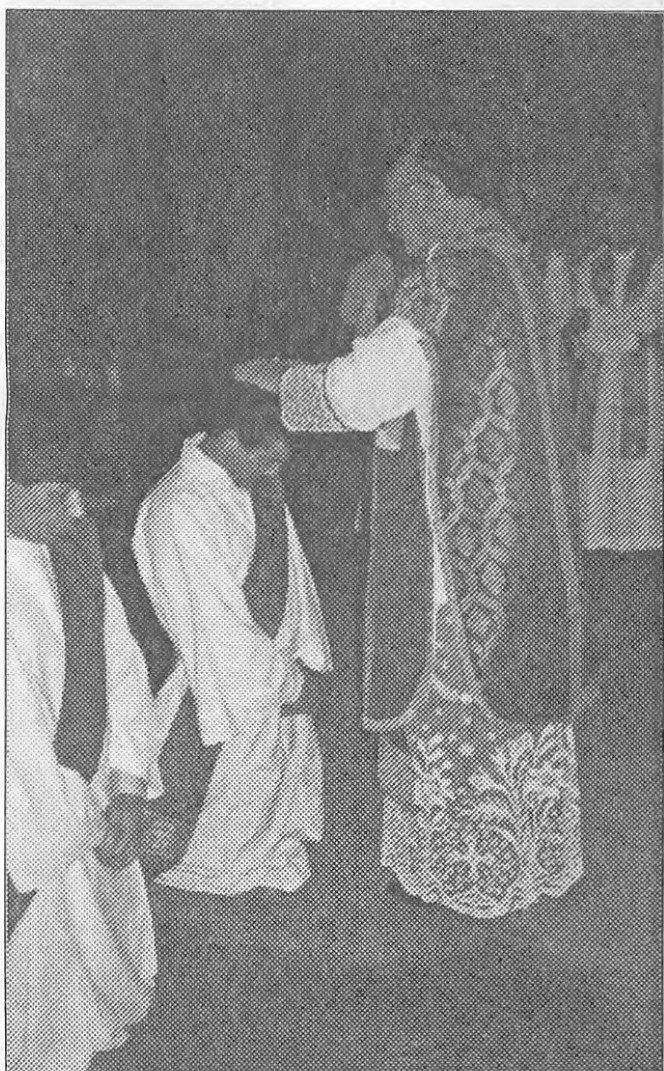
Afirmou tudo d'alma cheia, com a serenidade que o caracteriza e cala fundo a quem escuta religiosamente. Acentuando a *dádiva* de presbíteros, da sua Igreja, à nossa Obra, desde Pai Américo que aí estudou e se fez Padre da Rua por «não servir para mais nada» — disse ele naquele tempo com Humildade.

Calou fundo na alma da gente esta santa alegria do senhor D. João, expressa com solenidade na Sé de Coimbra. Especialmente num tempo de parcas vocações consagradas para o serviço do Povo de Deus.

Vale a pena referir o júbilo dos cristãos no fim da cerimónia — dentro e fora da catedral — felicitando os neo-presbíteros. Comunidades houve que trouxeram gente de camioneta! O caso da freguesia de Campanhã (Porto), terra do Padre Júlio Pereira, que o envolveu num quente abraço de congratulações.

Damos graças a Deus!

Júlio Mendes



Conferência de Paço de Sousa

CASA PARA POBRES — A menina está numa ama (porque a mãe *abalou...*), continuando sob a jurisdição do pai que a visita regularmente. Agora, porém, mais crescidi-nha, ele deseja trazê-la para a sua companhia, pois aliviaria traumas que subjazem na alma da criança, quiçá para toda a vida!

— *Venham a minha casa! S'a gente lhe fizesse um pequeno aumento, ficaria mais acomodada... Eu ajudo nos trabalhos de pedreiro, trolha e carpinteiro.*

A obra precisa de ser acautelada...! É uma casa histórica. Pai Américo levantou-a aqui, bem perto, para ter mais junto de si Pobres que foram da legião dos sem-casa. E, por arrastamento, os visitantes (sem chamada especial) pos-sam avaliar a necessidade, oportunidade e utilidade do Património dos Pobres. Ideia que lhe surgira já nos bairros de lata de Coimbra, na década de 30, concretizada nesta terra a partir de 1951.

Obviamente, ontem e hoje, o Indigente sem tecto acomoda-se como na Idade da Pedra... O mais grave problema do nosso País!

Agora, terminámos a reconstrução e ampliação doutra moradia ocupada por um casal idoso. Obra baseada na *economia dos Pobres* — que Deus providencia na hora própria!: Feita nos tempos livres, em fins-de-semana, por uma equipa polivalente que, há muito, labora connosco — sem encargos; a não ser a jorna devida a quem trabalha e respectivos materiais.

Assim, melhoramos e conservamos um precioso legado que Pai Américo deixou aos Pobres — aos quais, desde menino, acolheu no seu coração magnânimo.

PARTILHA — Cheque do assinante 21042, de Quintiães (Barcelos): «*O que sobrar*» — esclarece — «*será afectado a qualquer finalidade que o vosso bom critério decidirá*». Quanto mais os anos passam, maior valor se dá a um Professor!

Remanescente, de contas, da assinante 6790, de Lisboa — também serva dos Pobres.

Mais três contos, da «*Avó dos cinco netinhos*», de Setúbal: «*Minha tão pequenina contribuição mensal, que faço com muito amor e carinho*». A delicadeza cristã dum avó, mãe duas vezes.

«*Cheque de 10.000\$00*» — dum espinhense — «*referente ao primeiro semestre de 1993, pequena contribuição para os mais necessitados. Não acusem recepção! Pel'O GAIATO saberei que foi entregue*».

Mais cinco contos, do assinante 42971, de Ovar, muito persistente. Valor «*a ser distribuído pela Conferência do Santíssimo Nome de Jesus* — como entenderem — pelos mais pobres em geral, os envergonhados, e pelas intenções que o Bom Deus sabe». Basta que Ele saiba!

Duas notas, de Nova Oeiras, repetindo a legenda publicada — nesta coluna — oportunamente: «*Para uma viúva com filhos ofereço esta pequenina lembrança. Não me agradeçam. Comemoramos 32 anos da nossa união matrimonial*». Graças a Deus pelo valente testemunho matrimonial, selado na pedra do Altar.

A nossa *procição* fecha com a presença da assinante 31104, marcada no tempo — há mui-

Pelas CASAS DO GAIATO

tos anos! «*Para os Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus envio cheque para os habituais destinatários (...). Sempre com o desejo veemente de valer a quem precisa e por alma dos meus entes queridos. Perdi todos. Não tenho ninguém. E sinto-me com pouca saúde. Rezem por mim*». Um acto de Fé viva, consciente. Deus escuta.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

16 DE JULHO — Um dia muito especial para a Obra da Rua. O Pai Américo seguiu para o Céu. Da forma como aconteceu, humanamente chocou o País, em especial todos os gaiatos. Mas são assim os desígnios de Deus...

Todos os anos fazemos uma festa nesse dia. Em Paço de Sousa, celebrámo-la com grande alegria no coração dos rapazes: foi o Sacramento do Crisma a vinte gaiatos, ministrado pelo senhor D. Júlio — Bispo do Porto, que esteve connosco neste dia.

GRANDE FESTA — O grande encontro de antigos e actuais gaiatos, no dia 18 de Julho. Teve um sabor muito especial com a Missa Nova do nosso Padre Júlio Pereira, ordenado presbítero na Sé de Coimbra no dia 11. Há mais um continuador da Obra da Rua!

ANO LECTIVO — Nas Escolas do Ensino Básico e Secundário, os nossos rapazes souberam dar conta do serviço. A maior parte passou. Até dá gosto ver a alegria da maior

parte, excepto dos poucos que reprovaram.

AGRICULTURA — O milho está em bom ritmo de crescimento. A batata é apanhada e esperamos que haja uma boa quantidade para, assim, termos sempre dela em Casa.

VISITAS — Recebemos visitantes diariamente. Gostam de nós!

Não hesitem. Venham a nossa Casa que temos sempre a porta aberta.

Também vou referir a presença de um grupo de jovens de Pardilhó. Quiseram partilhar a sua alegria com a nossa e deram-nos, inclusivé, uma merenda. Obrigado por tudo. Apareçam quando quiserem.

ESCUTEIROS DE IRIVO — A presença deste núcleo, do C. N. E., que acampou em Paço de Sousa, despertou a curiosidade dos nossos rapazes. Especialmente porque uma regra dos Escutas é servir a comunidade, resolverem deitar a mão (no caso as mãos de todos) na colheita de batata em nossa quinta. Depois, almoçaram connosco no refeitório. O seu testemunho calou fundo na alma de todos nós.

UM CASTIGO — É sempre bem dado quando se merece. O «*Vira-Latas*» quis meter-se em aventuras e levou um grande castigo: foi passar algum tempo fora de Casa, para assim poder regressar mais seguro de fazer tudo bem e melhor. Boa sorte!

BAPTISMO — Realizou-se no dia 11 de Julho, na nossa Capela, o baptizado do filho do Carlos Alberto e da Rosário: o Bruno Filipe. Agora pertence à família cristã e é mais um novo neto da Obra da Rua.

FRUTA — As pereiras, macieiras e ameixoeiras estão carregadas e prevemos uma boa colheita de fruta, se o tempo for favorável... E bom saboreá-la no fim das refeições e à merenda.

Fica aqui um aviso: não a estraguem e deixem-na amadurecer...!

DESPORTO — Participámos num torneio de futebol, para juvenis, em Galegos. Houve muita confusão. Mas tudo se resolveu. Ficámos em segundo lugar.

Acolheram-nos bem. As nossas saudações desportivas.

Lupricínio

AZURARA

O primeiro turno ainda se encontra em férias, mas não tarda a regressar a Casa.

Dia a dia em Azurara: Começa às 8, 30 h. Levantamo-nos, lavamo-nos e vamos para o pequeno-almoço.

Em seguida, cada um faz as suas obrigações. Depois de tudo limpo e arrumado, vamos todos para a praia, excepto os cozinheiros que têm de preparar o almoço com a ajuda da «*avó Mimi*» (minha madrinha). Corre sempre tudo bem!

Na praia fazemos uma partida de futebol, só os mais velhos, porque é um perigo jogar...

Depois da bola, tomamos banho na água salgada (e poluída por completo, pois a nosso lado temos um dos rios mais poluídos de Portugal: o Ave).

Lamentamos muito a poluição do rio Ave e outros. É triste vermos os detritos, peixes mortos a boiarem na água, e

outros a saltarem, e até lixo que as pessoas mandam depois dum piquenique ou dum merenda.

Quem olhar, de repente, para a água dá impressão de ver tinta preta! Sem exagero. Mas tomamos banho no mar porque ao chegar a casa temos um de chuveiro.

De tarde, há tempo livre para ficarmos morenos, pois o tempo tem estado bom. Outros vêem televisão, ouvem música ou, quem preferir, descansam.

Após o jantar, os mais velhos dão uma volta por Vila do Conde conhecer amigos e ver partidas de futebol de cinco, no rinque de Azurara.

As obras em nossa casa ainda não estão completamente terminadas. Os trolhas estão a pintar as portas. Ficaram bonitas mas, por dentro, está praticamente tudo arrumado. Falta acabar alguma coisa na parte de cima (sala de televisão e Capela) e, na parte de baixo, o quarto de banho.

O exterior ficou bonito! Em volta da casa temos, no lado da rua, vários tipos de árvores encostadas ao muro. À frente, chorões plantados. Dá gosto olhar para eles. Por detrás, a residência está um bocado chocha. Mas, com o tempo, tudo ficará em ordem.

Quanto a nós, tudo bem. Não tem havido problemas. Vale sempre a pena termos férias em Azurara!

«Vitinho»

TOJAL

PRIMEIRA COMUNHÃO — Em 20 de Junho realizou-se, em nossa Casa, a primeira Comunhão de alguns rapazes

devidamente preparados. Muitas pessoas participaram na cerimónia. E houve uma festa com muitos bolos, rebuçados e sumos. Foi um dia em cheio! A seguir à festa, houve vários jogos. Gostámos muito deste dia!

PRAIA — Já foram vários grupos para a praia de Mira, São Julião da Ericeira e Arrábida.

PISCINA — Começou a funcionar, em 4 de Julho. Por volta das 16 horas a maioria dos rapazes já estavam de calções e toalha aos ombros, à espera que um chefe os mandasse mergulhar.

Os trabalhadores tiveram mesmo que apressar a construção da obra para que nos pudéssemos refrescar!

A NOSSA CASA — Não está só bonita pelos jardins e flores multicores, mas também pelas obras que estão a andar: calcetamento das ruas, pintura e limpeza das residências, construção doutra lavandaria e rouparia.

MAIS UM — Recebemos outro rapaz. Tem 15 anos. Estava numa instituição e quis vir para nós porque achou isto bonito.

BATATA — Fizemos a apanha da batata e da fava. Mesmo com muito calor os nossos rapazes não desanimaram porque há uma piscina para se refrescarem nas horas livres.

ESCOLAS — Com o fim das aulas procedemos com muita paciência à matrícula dos estudantes. É sempre um ror de papelada!

OFERTA — Agradecemos à Central Distribuidora de Cervejas a oferta de muitas caixas de cerveja sem álcool. Na hora do almoço há sempre uma garrafa média para cada um.

Joaquim Miguel Fernandes Pinto

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Nunca, como hoje, tivemos tantos pedidos de ajuda! Autênticos S.O.S.

Pedimos à assistente social da Junta de Freguesia da nossa zona (degradada) que nos auxiliasse a proteger cinco crianças. A mais velha com oito anos e a mais nova com ano e meio. Foram, não diria abandonados, mas quase. A mãe, com vinte e oito anos, «trabalha» em bares nocturnos e deixa-os entregues à sua sorte. A assistente social, que nos atendeu, está atenta e a fazer tudo para resolver o problema.

Logo a seguir, telefona ela, pedindo auxílio, em dinheiro, para um caso também muito triste. Não pudemos corresponder, pois o nosso cofre está muito leve e, para dizer a verdade, quase vazio. Mas nós confiamos no Senhor. A obra é d'Ele.

Temos à espera uma senhora que toma conta de crianças. Faz disso seu ganha pão: só que a maioria são filhos «das da noite», como nos diz, algumas não lhe pagam e outras nunca mais aparecem. Ela é que os sustenta e lhe dá carinho.

Outro grito de uma mãe que nos chama: «Venham cá; o meu filho, único, levou-me tudo. Até os lençóis que tinha na cama vendeu para comprar droga. Tudo o que eu tinha e tanto me custou a ganhar!» Acrescenta que é mãe solteira.

Se fôssemos a descrever todas a situações deste tipo



Os «Batatinhas» da Casa do Gaiato de Moçambique



Dezasseis de Julho

Continuação da página 1

Quando este Livro é O que contém e nos comunica a Palavra de Deus — basta como fonte de onde jorrará uma torrente que pode assustar os pusilânimes, mas vai fertilizar ao longo do seu curso e proporcionar bens que irão tranquilizando os de alma pequena e atraindo os de alma grande.

O «medo» depressa se transforma em confiança, a dúvida em certeza, a perplexidade em determinação.

Ao recapitularmos os trinta e sete anos que nos separam da sua partida para o Céu — apesar dos trabalhos e aflições de cada instante que nos tolheriam o passo se não puséssemos mais além o nosso olhar — temos de reconhecer a justeza da atitude de Pai Américo.

Deixou-nos num momento singularmente difícil da vida da Obra da Rua, que culminou na sua morte. Por muitas horas amargas que tenhamos de sofrer, nenhuma terá o amargor daquela.

Ficámos três, novatos, evidentemente sem arcaboço para continuarmos. De alguns de pouco Fé, percebíamos o receio de que, desaparecendo o fundador desaparecesse a Obra. Mas a maioria do Povo, mercê daquela intuição da Verdade e do Bem que Deus dá aos que n'Ele crêem, cercava-nos com a Esperança activa de quem se assume comprometido na missão de continuar. E os nossos Bispos poucas vezes — julgo — terão tido a oportunidade de incarnar a sua paternidade como então, na solicitude carinhosa com que nos bafejaram. D. António, do Porto, D. Ernesto, de Coimbra e o Cardeal Cerejeira são memória imperecível na vida da Obra da Rua.

Se antes ainda restasse dúvida, agora torna-se patente e irrecusável o nosso vínculo à Igreja. É d'Ela, «a Mãe que dá os seios» sem que nunca o leite se Lhe esgote, é d'Ela que recebemos tudo quanto temos para dar. Este é o sentido essencial da profecia de Pai Américo: «A minha Obra começa quando eu morrer».

Agora que, no tempo, deixou de ser dele — então de quem é?... Os nomes próprios que a continuam são, afinal, nomes comuns que surgem na Igreja, que vêm da Igreja, de Quem a Obra é.

Por isso os três que ficámos no ano seguinte éramos cinco e, um ano mais, seis. A morte da semente é a condição da multiplicação dos frutos.

Depois, outros vieram. E mesmo os que não permanecem, foram marcados. Só Deus sabe se não constituem uma reserva...

Até ontem, éramos dez. O 11 de Julho, dia do Patriarca dos Monges, S. Bento, é também o do nascimento do décimo primeiro padre da rua, o Engenheiro Júlio Freitas Pereira, a partir de agora simplesmente o Padre Júlio. Ele é o grande dom, a inestimável prenda de Deus neste Dia da Obra da Rua, trinta e sete anos depois da morte da semente.

O Júlio Mendes, que não é padre mas, desde há cinquenta anos, é esteio da Obra como se o fora, faz o relato do que aconteceu na Sé Nova de Coimbra. Contudo, não

posso calar o nosso contentamento pela alegria expressa pelo senhor D. João Alves na Assembleia litúrgica e depois a nós em particular, por lhe ter sido dado ordenar um padre, o quarto do Presbitério de Coimbra ao serviço da Igreja na Obra da Rua. «Quem dera aparecessem mais... Eu cá estou» — nos disse ainda.

Que Deus compense o Bispo e a Diocese de Coimbra — e os outros Bispos e as outras Dioceses a que pertencemos: Lisboa, Porto, Bragança e Portalegre — como só Ele pode.

A esta nota a assinalar tão festivamente este 16 de Julho, temos outra a acrescentar, esta dolorosa e por isso mesmo também muito importante: a situação em Angola; o receio de algo semelhante em Moçambique.

Aqui, a tónica é a colheita de frutos que a morte da semente produziu. Lá, é, de algum modo, a semente a morrer — transe de sofrimento que só a Fé e a Esperança mitigam.

Bendito seja Deus!

Padre Carlos

Tribuna de Coimbra

Aumenta o abandono de crianças com estigmas assustadores

Os pedidos não param de chegar! É pelo telefone, por carta e há quem venha pessoalmente expor e interceder. O abandono de crianças aumenta com estigmas verdadeiramente assustadores, apesar de se multiplicarem iniciativas e instâncias de protecção. Os rapazes

que tenho recebido, provenientes de meios urbanos, são os mais marcados com estigmas de abandono e de pobreza novos.

A braços com a Casa cheia, digo muito vezes não. Outras, prefiro não ir ver para não ter de aceitar e ficar incomodado. Às vezes, é certo, são casos que não são bem nossos. Tento encaminhar. Mas pressionado pela pergunta — para onde e para quem? — fico mudo.

Nós somos dos mais

pobres; nem todo o rapaz é um caso nosso. Urge discernir e o melhor é ir ver. De facto, onde houver uma ponta de família capaz de apoiar o rapaz é melhor que fique.

Fui, há dias, ver um menino. Estamos na Beira. São terras já a deixar ver o mar. Lá, o progresso também corre veloz e, com ele, nem tudo tão bem nem à mesma velocidade. E quando se trata de Pobres, frequentemente se confunde promoção social com fartura no prato e gaveta cheia.

É um filho de alguém que em menino foi criado — por uns e por outros — em casa de quem calhava. Cresceu e, com ele, as marcas de um abandono afectivo; estigmas que nunca cicatrizaram suficientemente. Casou. Casa linda, só em sonhos. Veio

um bebé e, com ele, a repetição da história do pai é um risco actual. A mãe está cancerosa na fase terminal da sua doença. A avó materna sem saúde nem condições. Do outro lado não há família. Andei uma tarde inteira com o Prior daquela terra e a senhora professora que actualmente acolhe e apoia o menino. Vimos perspectivas diversas. Em lado algum encontramos família capaz. A partir de agora somos nós a família, iluminados por este desabafo da senhora professora: «O pai foi abandonado pela mãe e criado por uns e por outros. Talvez movido por essa lembrança, sentindo-se impotente para criar o filho, e dada a situação da mulher em fase terminal, pediu-me que arranjasse uma casa que o recebesse e acarinhasse e o preparasse para uma vida melhor do que a dele». Eis um caso nosso.

Padre João

SETÚBAL

Terminámos o ciclo das Festas

TERMINAMOS o ciclo das Festas. Já devia ter dito algo sobre ele. Foi longo, cansativo e animador. Três meses delas aos fins-de-semana, alguns preenchendo sextas, sábados e domingos, esgotaram-nos as forças físicas e revigoraram o nosso entusiasmo pela Obra da Rua.

Outros afazeres ficaram para trás, de modo que nos atirámos imediatamente a eles. Razão do nosso silêncio.

A Festa deste ano foi uma cruzada de evangelização — que, agora, se diz nova. Não que tivéssemos levado a *sacristia* connosco, mas sim a Vida que o Mestre nos ensinou a viver. Esta é sempre nova e contrária ao ambiente cultural mundano. Os rapazes quiseram desmascarar a tirania da moda que se revela no vestir, nas cascas, nas mobílias, electrodomésticos, férias, passeios, excursões e peregrinações, etc., apontando-a como uma ditadura que leva toda a gente a concordar com ela e a passar o tempo vendo o tempo passar. O ambiente cultural foi duramente satirizado nas pequenas comédias que tão exemplarmente representaram.

A Casa do Gaiato como uma escola de chefes, evidenciando a pedagogia do Padre Américo, manifestou-se capaz de estruturar homens preparados para enfrentar o meio demolidor que os espera. O chefe é um homem de pé. Todos são chamados à chefia e formados na responsabilidade, com verdadeiro sentido de *Justiça*.

O espanto provocado pela beleza e arte da Festa acaba por se desvanecer quando se percebe que ela é obra de todos e não de um ensaiador. Todos são responsáveis e expressam notoriamente que assumem o seu papel. A Festa foi uma verdadeira lufada de ar evangélico.

Levamo-la a uma boa parte da Diocese de Setúbal. Tivemos connosco o povo que nos apoia e quase nos venera. Os párcos estiveram connosco em Palmela, Cova da Piedade, Costa da Caparica, Montijo e Sarilhos Grandes.

Fomos também a Coimbra, cheios de ilusão, e regressámos surpresos com a diminuta assistência.

Aveiro voltou a ser quente, muito quente e muito carinhosa. O Aveirense estava à pinha. As rádios locais gravaram aqui entrevistas para os noticiários. Os jornais falaram antes e depois, sem qualquer intervenção nossa. Gente que vive lá. Que entende ser o Reino dos Céus, dos Pobres.

O Senhor Bispo não esteve, mas costuma comparecer.

Leiria estava sequiosa de ver os gaiatos. A belíssima sala do José Lúcio da Silva ficou composta de gente muito calorosa.

Um grupo de amigos organizou-se e lançou na cidade uma verdadeira cruzada mobilizando o homem de coração recto. Alguns Padres e o Bispo de Leiria aplaudiram os gaiatos em galeria reservada. Estiveram os seminaristas! Presença que nos surpreendeu por ser inédita. É verdade! Não costumam ser sensíveis à Festa dos gaiatos. Mas em Leiria foram e... com muito entusiasmo!

Deus queira que Nossa Senhora nos apanhe lá um para a nossa Obra.

Padre Acílio

seria um rol sem fim. E sentimos uma grande mágoa por não podermos, ao menos, atenuar tanta injustiça.

RECEBEMOS — Da Rua Eugénio Castro, 2.000\$00. Uma avó preocupada manda uma cartinha cheia de ternura e 40.000\$00. Anónimo, 10.000\$00. Da Parede, um cartãozinho: «Desejo muita luz de Deus para todos vós. Junto uma 'migalha' de 10.000\$00». José, 10.000\$00. Rosalina, 10.000\$00.

Conferência de S. Francisco de Assis — Rua D. João IV, 682 — 4000 PORTO

Uma vicentina

Antigos Gaiatos de Malanje

UMA MENSAGEM — Chegou-nos às mãos esta mensagem de amor — da nossa tão querida e bonita Casa do Gaiato de Malanje:

«Nós por cá vamos resistindo aos sustos que têm sido muitos. Deus tem-nos posto a mão por baixo. As consequências da guerra são piores do que a própria guerra. Se houver paz, irei até aí nas férias e passarei um dia convosco — se Deus

quiser... Um abraço e beijinhos para vós, deste que vos quer muito — Padre Telmo.»

São arrepiantes as imagens que a televisão nos oferece! Os homens não são capazes de as olhar com olhos de ver...!

Habitados a pedir pouco, e perdidas num mundo que não pertence nem às aldeias nem às cidades, as populações de Angola já não imaginam nenhuma solução milagrosa que as salve da guerra, adiada nas conversações a todos os níveis, recorrendo-se a todos os expedientes.

Todos acreditamos que a paz é possível. Mas lá no fundo sabemos que a crise continuará e poderá ser ainda mais violenta. Os sonhos nascem e também morrem à sombra de árvores verdejantes, mas sem fruto.

Por tudo isto, e também pela fraternidade que todos sentimos, vamos presentear o nosso querido Padre Telmo com mais um encontro para lhe manifestarmos apoio à sua árdua tarefa, sacrifício de um homem que tudo faz para ajudar os que sofrem os horrores de tamanho genocídio.

PROGRAMA DO CONVÍVIO — 21 de Agosto: 10 horas, ponto de encontro na ponte da portagem/cruzamento Viseu-Beira; 12 horas, almoço; 19 horas, Missa, jantar e dormida no Lar de Coimbra. Dia 22 de Agosto: 9 horas, reunião; 12 horas, almoço na praia de Mira e despedida. Não faltes!

Manuel Fernandes

Última hora

CARTA DE MALANJE

Recebemos esta carta expedida de Luanda em 7 do corrente:

«Um abraço para todos.

Há muito que não temos correspondência — deve estar retida em Luanda.

O estarmos na linha de fronteira começou a ter inconvenientes sérios, pelo que, atendendo aos conselhos do senhor Bispo, achámos por bem vir algum tempo para o Seminário de Malanje.

Ficou um grupo em casa para tomar conta e nós (alguns) vamos todos os dias pela manhã.

Por enquanto tudo bem. Não nos tem faltado o essencial. Um abraço para vós.

Padre Telmo»

Património dos Pobres

Renovação da Campanha

Vamos renovar a campanha iniciada pelo Padre Américo: *Que todas as famílias tenham casa. Que não haja abarracados nem amontoados.*

Têm visitado as nossas Casas do Gaiato algumas Conferências Vicentinas. Vêm com Fogo, à procura de quem ateie a chama que trazem no coração. Geralmente, seguem animados. Vêm os nossos meninos, depois visitam os doentes do Calvário. Ficam escaldados e regressam.

Num dos últimos domingos estiveram connosco todos os vicentinos duma terra. Andam preocupados e atarefados. Na sua paróquia há muitas famílias sem casa; famílias numerosas; algumas chegaram de longe e ali ficaram em barracas, em currais, onde calha! Vieram pedir a nossa ajuda. Querem ajudar. Não podem ficar parados!

Já começaram, há anos. Eis a última carta que nos enviaram: *«Recebemos o vosso cheque de quinhentos mil escudos. Esta quantia iremos utilizá-la no arranjo duma casa geminada. Em breve daremos notícias da habitação da família de nove filhos. As paredes estão a ser*

levantadas; temos um homem a trabalhar nos fins-de-semana. A mãe e o marido dão o seu contributo, quer em trabalho quer em materiais. Este processo está a ser extremamente benéfico, pois estão a aprender o que é gerir dinheiro — e a fazer por alcançar o que se sonha com esforço próprio. Pensamos que vamos ter aqui uma família promovida. Cremos em Deus que assim venha a acontecer».

Há pouco, passei por lá e andavam todos a trabalhar. A placa já está pronta. As mãos dadas fazem maravilhas!

Veio ao nosso encontro o pároco duma cidade pedir para irmos lá, que o bairro do Património dos Pobres está em degradação — com necessidade urgente de obras. As pessoas instalaram-se e nunca fizeram nada para a conservação das habitações.

É um mal muito geral e difícil de remediar. Mas temos de procurar soluções.

Casais novos

Estava à porta de entrada quando chegou aquele rapaz. Depois de nos cumprimentar, dá o recado: *«Um companheiro meu disse que daqui lhe deram uma ajuda para fazer a casa. Eu venho também pedir».*

Trazia uma carta do Pároco a apresentá-lo. No dia seguinte fui lá. O Pároco acompanhou-me. Este rapaz, casado há um ano, comprou o terreno (ainda solteiro) e começou a construir, ajudado por amigos. Fez o rés-do-chão com a placa e parou. Está bem acabadinha, mas como falta o telhado chove em todas as divisões. Foi com muita alegria que assinei um cheque para a cobertura.

É ajudante de trolha nas obras da cidade. Só vem a casa ao meio e ao fim-da-semana. A mulher trabalha no domicílio a fazer peças de vestuário. O quintal é todo jardim e horta. O casal faz tudo o que pode para terminar a moradia que ficará encantadora.

Hoje, o correio trouxe esta carta dum Pároco: *«Venho pedir ajuda para a casa que dois paroquianos estão a construir. São pobres e precisam de auxílio. A construção é feita pelos próprios, ajudados por seus irmãos e amigos, nos sábados e feriados».*

Na volta o correio levou um cheque. Nós queremos ajudar a fazer esta revolução. Ajudar os casais novos, com alma e com braços, apoiados pelos amigos, a construir a sua casa. Revolução de mãos dadas. As armas desta revolução são as mãos dadas!

Padre Horácio

CALVÁRIO

É preciso entrar pela porta dentro e observar com cuidado e singeleza a vida dos Pobres para os conhecer

Deixo o carro na berma da estrada, junto a placa azul com doze estrelas amarelas.

Subo a encosta íngreme, por carreiro mal calçado. À medida que avanço, o vale atrás de mim, serpenteado por ramadas de verde macio, alonga-se e encanta.

Mas não é este panorama que aqui me traz. Venho à procura do casebre que tenho na frente. Bato às várias portas do mesmo para obter resposta. Homem idoso, na casa dos oitenta, aparece com o filho. É um rapaz adulto, de sorriso forçado e olhos vadios, denunciando evidente atraso mental.

Entramos na cozinha — sala-de-visitas dos Pobres — a fim de conversarmos sobre a hipótese de receber este jovem no Calvário.

O chão é térreo, as paredes de pedra à vista estão enegrecidas pelo fumo. As telhas assentes nos barrotes acumulam fuligem e

teias urdidas pelas aranhas. A lareira encontra-se apagada. Em cima de pequena mesa uma panela e uma cafeteira amarelecidas.

— Que vão comer hoje?
— Olhe — e o meu interlocutor aponta a panela — batatas.

Destapo e dou realmente com batatas meio descascadas e mal cozidas — estremes.

— *Costumo cozê-las uma ou duas vezes na semana e depois vamos comendo delas com o vinhito que eu faço ali da ramada da porta. O café com leite é prò rapaz.*

Em redor não vejo provisões para variar a ementa frugal.

— *Engulo as batatas mais o vinho.*

Não comento para não humilhar.

— Gostava de ver a cédula do seu filho.

O bom homem levanta-se a custo, e vai por ela.

Eu começo a ver mesas quadradas cheias de iguarias fumegantes, de vinhos de marca, de mãos atarefadas e bocas gulosas em restaurantes apinhados de gente.

Uma das mesas cresce e torna-se comprida, muito longa, repleta de talheres e pratos luzidios, de copos pequenos e grandes, cintilantes; de travessas que chegam nas mãos de criados com toalhas brancas no braço e sorriso de

circunstância no rosto. Trajes garridos exalam perfume que se mistura com o odor dos cozinhados, dos doces e dos vinhos. Um senhor ergue-se e fala de papel na mão. Palmas ecoam. Discursos sucedem-se. O enfado propaga-se. Ninguém parece ouvir, pois as delícias a saborear prendem o olhar e o pensamento, mas todos mantêm silêncio à espera de erguer a taça de champanhe e se deliciarem.

Aqui na sala duma moradia, crianças barafustam com os pais porque não querem o que lhes foi posto na frente, mas o que lhe vai na cabeça. E os pais cedem e vão mostrando quanto há no frigorífico abarrotado.

Batem-me nas costas e acordo! É a cédula do rapaz na mão do pai. Por onde eu andava já, meu Deus! Para onde me levaram as batatas mal cozidas!

Tomo o documento. Aquilo que nele se lê não diz grande coisa. Diz muito pouco, muito pouco mesmo da vida de almas como estas. É preciso entrar pela porta dentro e observar com cuidado e singeleza a vida dos Pobres — para os conhecer.

Só então temos a identificação exacta de quem eles são na realidade. Estas visitas identificam melhor os Pobres — carentes e humildes — e identificam-nos também a nós, se egoístas e indiferentes, se amigos e irmãos do Outro que neles se esconde.

Padre Baptista

ENCONTROS em Lisboa

Família dos sem-família

O Augusto Manuel Grilo Rodrigues e a sua esposa vieram à minha procura. Desejavam celebrar, junto do altar, os seus 25 anos de casados. Tinha sido aí que se tinham recebido um ao outro como marido e esposa e junto dele queriam agradecer o amor que os une, o amor que lhes deu dois filhos e o amor que os ajudou a superar os momentos difíceis por que já passaram.

Fiquei feliz com este pedido. É que o Augusto foi criado em nossa Casa. Aqui viveu catorze anos, aqui se preparou para a vida, aqui sonhou com uma família; sobretudo que essa família lhe fora recusada quando cresceu. Senti, ao olhar para os dois, diante do altar, a grandeza da Obra da Rua que, durante tanto tempo, foi família para o Augusto. Vê-los, agora, com o seu amor sólido e feliz, enche o coração de alegria e, diante de Deus, só podemos dar graças pelas maravilhas realizadas.

O Augusto quis realizar a celebração na nossa Capela, dizendo-me: «Já não estão aqui os meus companheiros, nem os Padres que me acompanharam. Mas olhando para tudo

DOCTRINA



... se algumas vezes se repetem no dar...

FUI levar, há dias, à Praia da Granja, novidades das Colónias de Campo do Garoto da Baixa e seu consequente anexo: Casa de Repouso do Gaiato Pobre. Dei recado na Assembleia, na presença de diminuta e generosa assistência, um nadinha antes da hora do jantar. Levava nas minhas mãos pecadoras, marcas das lágrimas dos garotos do derradeiro turno onde calhou o maior número de farrapões que são, por via de regra, os mais dóceis e mais gratos. Não admira, pois, que a assistência se houvesse comovido até às lágrimas, porquanto a gente também chora quando estes garotos desconhecidos nos beijam as mãos, abandonados.

NUNCA vi dar como na Granja, não tanto pela quantidade como pela maneira gentil e entusiasmada! Em vez de ir eu mesmo pelas filas de cadeiras além, até junto de cada um, vieram todos até ao pé de mim, solícitos e alegres, lançar na bolsa a oferta da ocasião: uma nota de quinhentos, uma dezena delas de cem, uma dita dezena de cinquenta, uma pancada de notas de vinte e uma pancadaria de moedas de prata. Crianças numerosas, acomodadas no ouvir e palradoras no dar, devem ter «cravado» basto suas mães, porquanto todas deixavam cair moedas dentro da bolsa.

MUNIDO como fiquei de dinheiro, dado de tão boa mente para as classes pobres, subi ao norte do Porto a entregar algum dele aos Pobres da minha aldeia; paguei em Coimbra algumas contas em atraso; e aqui me tens, novamente, a pedir mais.

NA estação de Espinho, enquanto espero hora do comboio, vem ter comigo uma estudante de Coimbra com dez escudos na mão «daquela senhora a quem contei a Obra do Gaiato», apontando com o dedo a dita senhora; e quer que eu vá pedir à Praia da Aguda. Outros querem que eu vá fazer o mesmo à de Miramar onde há muita gente de dinheiro, dizem, e todos, gregos e troianos desejam tanto como eu livrar o garoto da rua de cair no banco dos réus. Porque os miseráveis de hoje, frequentadores da taberna, habitantes da prisão, aninhados nos albergues — todos estes indesejáveis — foram ontem crianças graciosas, sem carinho nem conselhos de ninguém.

D. Américo!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 2.º vol.)

isto, sinto que foi esta a minha Casa».

O seu exemplo é importante. Os jovens que agora estão em nossa Casa também procuram família. Nem sempre as telenovelas ajudam a uma procura equilibrada e feliz. Ver este casal assim, a viver alegre este acontecimento, pode ajudar a descobrir, por vezes, o lado oculto das coisas: o amor sereno, simples, feliz entre o homem e a mulher.

Padre Manuel Cristóvão

Uma carta

«Envio cheque para uma assinatura em meu nome. Realmente, não sei qual o custo. Mas, se sobrar, o resto é para aplicarem no que convier.

Leio o vosso jornal desde pequena, em casa dos meus pais. Agora, que casei e tenho a minha casa, também o quero receber.

Muitas felicidades. Deus está sempre convosco.

Assinante 57623»



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239